



No local do futuro centro por enquanto só existe uma placa, mas a polêmica é grande entre os vizinhos

Hospital faz o Lago Norte entrar em clima de guerra

■ Construção de um centro de reabilitação divide moradores

RICARDO MIRANDA

BRASÍLIA — Num país onde a rede pública de saúde vive na UTI da falta de recursos, a construção de um moderno centro de reabilitação para deficientes físicos, em vez de ser festejada, virou motivo de briga entre moradores do Lago Norte, uma das áreas residenciais da classe média de Brasília. Com medo da nova vizinhança, e de ver despencar os preços de seus imóveis, um grupo de moradores decidiu barrar *na marra* a construção do Centro Internacional de Formação em Reabilitação, ligado à rede Sarah Kubitschek, o maior hospital do aparelho locomotor da América Latina.

Os *contra* (como foram batizados) fizeram um abaixo-assinado contra a obra, mandaram cartas desaforadas para o governo e transformaram a audiência pública, com cerca de 400 moradores, marcada para discutir o assunto, num verdadeiro bate-boca. “Tive de encerrar a audiência para evitar um conflito”, conta Felipe Torelli, presidente do IPDF (Instituto de Planejamento Territorial e Urbano do Distrito Federal), que aprovou a obra. Torelli vê “preconceito e elitismo” na oposição ao projeto.

Nas casas mais próximas ao terreno ainda vazio, a maioria dos moradores é contra a construção do centro de reabilitação, que todos insistem em chamar de hospital. “Inegavelmente o terreno aqui vai desvalorizar, a rua vai ficar intransitável e vai haver muito barulho”, opina a advogada Lucilia Brandão, que mora a poucos metros do terreno. Lucilia conta que mudou para o Lago Norte justamente para ter sossego, ao lado da filha de três meses. Ela assinou o abaixo-assinado contra a obra, mas desaprova a *baixaria* durante a audiência pública. “Tem muita gente radical que não sabe defender seu ponto

Brasília — Josemar Gonçalves



Lucilia quer preservar o sossego

de vista”, lamenta. “O problema não é o hospital. Se fosse um shopping, eu também seria contra”, diz. O coronel reformado Sérgio de Noronha mora na rua paralela ao terreno, que fica nos fundos de sua casa. “Queremos aqui uma área de lazer, ou mais casas, não um hospital. “Tem tanto lugar para construir, por que logo aqui?”, pergunta.

Plebiscito — O processo de liberação oficial da área, exigência para o início das obras, vai passar pelo crivo da Câmara Distrital. Diante da polêmica, o governo pode até fazer um plebiscito no Lago Norte, e deve ganhar, porque a maioria da população do bairro é favorável ao projeto. “Todos os procedimentos técnicos foram tomados. A obra é ambientalmente segura e o projeto de primeiríssima qualidade. Qualquer cidade do mundo ficaria orgulhosa de sediar esse projeto”, afirma Torelli, que mora nas vizinhanças. “Esses moradores que

são contra a obra, além de minoritários, não dispõem de argumentos técnicos”, diz ele. “É preconceito mesmo”, concorda Marcos Dantas, administrador do Lago Norte. Ele garante que a concepção urbanística do bairro não vai ser agredida com a obra. “A região vai ter mais *status*”, explica. No Lago Sul, área mais nobre e cara do que o Lago Norte, há vários hospitais.

O centro não vai ser propriamente um hospital, mas uma unidade de reabilitação, e o projeto, assinado pelo arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, lembra mais um grande clube aquático: piscinas e áreas para esportes náuticos, com um *deck* e garagem de barcos, quadras de esporte, teatro de arena, anfiteatro, parques infantis, bibliotecas, e uma escolinha de reabilitação de paralisia cerebral. Como o Lago Norte não tem sistema de esgoto, sendo servido apenas por fossas, o projeto prevê a construção de uma estação subterrânea de tratamento de esgoto, única na cidade. As tradicionais caldeiras, que provocam poluição, serão substituídas por gás de cozinha. E, como não se trata de um hospital comum, não haverá lixo hospitalar. O aumento do trânsito na área, garante o Detran, será suportável, porque ocorrerá no sentido contrário ao dos moradores.

Se o novo centro não puder funcionar no Lago Norte, o Grupo Sarah, que tem hospitais em Brasília, Salvador, São Luís e Belo Horizonte (está construindo outros em Fortaleza e Recife) vai levar o projeto para fora de Brasília. Pelo menos três capitais — Recife, Belém e Salvador — querem o centro. “Nosso compromisso é com o cidadão contribuinte. Seja em Brasília ou em outra cidade”, diz a psicóloga Lúcia Willadino Braga, secretária-executiva do Sarah.

Centro ainda está no papel

BRASÍLIA — O centro, que será destinado a formar profissionais especializados em medicina do aparelho locomotor e promover a reinserção social de pacientes, dentro de modelos já desenvolvidos em países como a Suécia e Inglaterra, por enquanto não passa de uma simples maquete e já provoca discussões acaloradas.

Na área reservada, um terreno de quase 80 mil metros quadrados às margens do Lago Paranoá, entregue ao Sarah em sistema de concessão de uso (o hospital cedeu cinco andares de sua propriedade onde funciona a Secretaria de Saúde do Distrito Federal), existe, por enquanto, apenas uma cerca e uma placa anunciando a futura obra.

Como o terreno, originalmente, também poderia servir para abrigar uma área pública de lazer, o governo decidiu construir um parque ao lado do centro. Se a obra for aprovada, a previsão é de que em um ano o centro estará pronto e funcionando.

“Esta polêmica existe porque talvez haja um certo preconceito de algumas pessoas em ter deficientes físicos como vizinhos”, reconhece a psicóloga Lúcia.